



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS ARAPIRACA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS**

**JUCIELLE PEREIRA DA SILVA**

**“PRECISAMOS EDUCAR NOSSAS MENINAS SOBRE ESSA IDEIA”:  
PROCESSOS INDEXICAIS E REPERTÓRIOS FEMINISTAS EM INTERAÇÕES  
*ONLINE* SOBRE O TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES**

**ARAPIRACA, AL  
2025**

JUCIELLE PEREIRA DA SILVA

“PRECISAMOS EDUCAR NOSSAS MENINAS SOBRE ESSA IDEIA”:  
PROCESSOS INDEXICAIS E REPERTÓRIOS FEMINISTAS EM INTERAÇÕES *ONLINE*  
SOBRE O TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras-Português do Instituto Federal de  
Alagoas, Campus Arapiraca, como requisito  
parcial para obtenção de grau de Licenciada  
em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Danillo da Conceição  
Pereira Silva

ARAPIRACA, AL  
2025

418

S586p

Silva, Jucielle Pereira da.

“Precisamos educar nossas meninas sobre essa ideia”  
[recurso eletrônico] : processos indexicais e repertórios  
feministas em interações online sobre o tráfico  
internacional de mulheres / Jucielle Pereira da Silva. –  
Dados eletrônicos (1 arquivo : 1,1MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira  
Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em  
Letras/Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus*  
Arapiraca, Arapiraca, 2025.

1. Linguística aplicada indisciplinar. 2. Tráfico  
internacional de mulheres. 3. Desigualdade de gênero. 4.  
Etnografia digital. 5. Processos indexicais. I. Título.

JUCIELLE PEREIRA DA SILVA

“PRECISAMOS EDUCAR NOSSAS MENINAS SOBRE ESSA IDEIA”:  
PROCESSOS INDEXICAIS E REPERTÓRIOS FEMINISTAS EM INTERAÇÕES *ONLINE*  
SOBRE O TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras-Português do Instituto Federal de  
Alagoas, Campus Arapiraca, como requisito  
parcial para obtenção de grau de Licenciada  
em Letras-Português.

Aprovado em: 27 / 03 / 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva (Orientador)  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

---

Prof. Me. Erinaldo da Silva Santos  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

---

Profa. Ma. Leticia Rocha Santos  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Jesus, que esteve comigo em todos os momentos, dando-me força, paciência, sabedoria e ânimo para continuar e nunca desistir.

Aos meus pais, Zefinha e Pereira, por terem me ensinado a buscar ser uma pessoa melhor, a fazer tudo com amor, verdade, sinceridade e respeito. A eles digo: esta vitória é nossa.

Ao meu marido, Jeanderson, por ter passado comigo muitas noites em claro para que eu não ficasse sozinha enquanto estudava; por ter me lembrado de olhar o resultado do SISU e por não ter deixado passar a oportunidade de realizar este sonho.

Ao meu orientador, professor Danillo Silva, pela exigência e pela cobrança nesta fase tão desafiadora que é a defesa do TCC; por ter me orientado durante as férias, sempre se mostrando disposto a me atender altas horas da noite, e por ter acreditado em mim mais do que eu mesma.

Aos meus amigos, José Araújo, Guilherme e Patrícia, por fazerem parte da minha vida nestes quatro anos de graduação; por terem compartilhado comigo ótimos momentos de debates, de troca de conhecimentos e de respeito mútuo; por me mostrarem que somos iguais em nossas diferenças, por estarem sempre dispostos a me ouvir, a me corrigir e a serem verdadeiros parceiros; por terem tornado a graduação mais leve e prazerosa; por acreditarem em mim e no meu potencial.

À professora Divanir Reis (IFAL), por ter me ajudado a superar meus traumas de falar em público; por ter me ensinado que ser professor não é um dom, e sim uma construção perpétua de conhecimentos; por ter me mostrado que a universidade é o lugar de errar, para que, por meio desses erros, possamos acertar. Por ser o modelo de professora que desejo seguir, e por acreditar na educação, o meu muito obrigada.

À professora Adriana Nunes (IFAL), por ter me “obrigado” a ler e a escrever; por ter uma presença tão confortante e por ter me apresentado o amor pela literatura. Saiba que a senhora sempre estará em meu coração.

A todos os professores do Instituto Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, por terem compartilhado seus conhecimentos e por terem sido os melhores exemplos de professores que passaram por toda a minha vida.

*Eu aprendi qual é o valor de um sonho alcançar*

*Eu entendi que o caminho pedras terá*

*Eu vi em campo aberto se erguer construção*

*E foi com muitas pedras,*

*e foi com muitas mãos [...]*

*[...]*

*E ao olhar pra trás, tudo que passou*

*venho agradecer quem comigo estava [...]* (Vocal Livre, 2019)

## RESUMO

Situado no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), o objetivo geral deste trabalho é interpretar criticamente os processos discursivos mobilizados em comentários de mulheres sobre o tráfico internacional de mulheres, a partir do canal “Sobrevivendo na Turquia”, na rede social *YouTube*. Desse objetivo geral provem dois específicos: i) identificar e classificar os processos indexicais em jogo nos comentários analisados; e ii) mapear os repertórios discursivos mobilizados nos comentários e o modo como eles apontam para valores, crenças e normas sociais mais amplas, a exemplo das de gênero. Em termos teóricos, o trabalho se ampara em concepções performativas e indexicais de linguagem (Austin, 1990; Silverstein, 2003; Blommaert, 2010) e de gênero (Butler, 2018), em estudos interseccionais sobre trabalho sexual e tráfico internacional de pessoas (Piscitelli, 2016; Biroli, 2018; Souza; Soares, 2018), bem como em estudos sobre o movimento feminista e sua vertente digital (Ferreira, 2015; Alvarez, 2014). Do ponto de vista metodológico, a geração de dados foi realizada a partir de uma etnografia digital, de caráter não-participante, empreendida entre setembro de 2024 e março de 2025, no canal em questão. A interpretação crítica dos dados etnográficos gerados na pesquisa permitiu identificar a emergência de diferentes repertórios feministas nas interações sobre tráfico internacional de mulheres, são eles: i) contestação do modelo patriarcal e reprodutivo imposto às mulheres; ii) produção interseccional da vulnerabilidade baseada em gênero; e iii) sororidade e ação coletiva de mulheres em situações de violência e exploração. Em linhas gerais, a pesquisa realizada aponta para a articulação entre práticas situadas de interação e processos sociais mais amplos, sublinhando a construção processual de uma perspectiva crítica sobre a violência de gênero pautada por diferentes repertórios feministas. Ademais, os ambientes digitais de interação investigados são destacados como espaços de sociabilidade feminista, apropriados com vistas à ampliação dos repertórios críticos das participantes sobre a violência de gênero, suas origens e potenciais modos de enfrentamento.

**Palavras-chave:** tráfico internacional de mulheres; desigualdade de gênero; etnografia digital; processos indexicais; repertórios feministas.

## ABSTRACT

Situated in the field of Indisciplinary Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006), the general objective of this work is to critically interpret the discursive processes mobilized in women's comments about international women trafficking, from the "Surviving in Turkey" channel on the YouTube social network. From this general objective, two specific objectives arise: i) to identify and classify the indexical processes at play in the analyzed comments; and ii) to map the discursive repertoires mobilized in the comments and how they point to broader social values, beliefs, and norms, such as those of gender. In theoretical terms, the work is based on performative and indexical conceptions of language (Austin, 1990; Silverstein, 2003; Blommaert, 2010) and gender (Butler, 2018), on intersectional studies on sexual work and international trafficking in persons (Piscitelli, 2016; Biroli, 2018; Souza; Soares, 2018), as well as on studies of the feminist movement and its digital aspect (Ferreira, 2015; Alvarez, 2014). From a methodological point of view, data generation was carried out through a digital ethnography, of a non-participant nature, undertaken between September 2024 and March 2025, on the channel in question. The critical interpretation of the ethnographic data generated in the research made it possible to identify the emergence of different feminist repertoires in the interactions on international women trafficking, namely: i) contestation of the patriarchal and reproductive model imposed on women; ii) intersectional production of gender-based vulnerability; and iii) sorority and collective action of women in situations of violence and exploitation. In general terms, the research carried out points to the articulation between situated interaction practices and broader social processes, highlighting the procedural construction of a critical perspective on gender violence guided by different feminist repertoires. Furthermore, the digital interaction environments investigated are highlighted as spaces of feminist sociability, appropriated with a view to expanding the participants' critical repertoires about gender violence, its origins, and potential ways of confronting it.

**Keywords:** international trafficking of women; gender inequality; digital ethnography; indexical processes; feminist repertoires.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Print da capa do vídeo “Fui obrigada a fazer vida na turquia   Meu marido era meu cafetão” .....	29
<b>Figura 2</b> - Comentário 1: Ana Clara.....	33
<b>Figura 3</b> - Comentário 2: Paula.....	34
<b>Figura 4</b> - Comentário 3: Aline.....	36
<b>Figura 5</b> - Comentário 4: Naty.....	37
<b>Figura 6</b> - Comentário 5: Ana Clara.....	38
<b>Figura 7</b> - Comentário 6: Ana Clara.....	40
<b>Figura 8</b> - Comentário 7: Camila.....	41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA PRODUÇÃO DA VULNERABILIDADE.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>“SOBREVIVENDO NA TURQUIA”: O ATIVISMO FEMINISTA ON-LINE E A QUARTA ONDA DOS FEMINISMOS.....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>NOTAS METODOLÓGICAS: UMA PRÁTICA DE ETNOGRAFIA DIGITAL NA LINGUÍSTICA APLICADA.....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>INSTRUMENTAL ANALÍTICO: INDEXICALIDADE, PISTAS E ORDEM INDEXICAL.....</b>	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>INTERPRETANDO ORDENS INDEXICAIS E REPERTÓRIOS FEMINISTAS NOS DISCURSOS SOBRE TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES NO YOUTUBE.....</b>	<b>29</b>
6.1	Repertório I: contestação da subordinação das mulheres a um modelo familiar patriarcal e reprodutivo.....	32
6.2	Repertório II: Produção interseccional da vulnerabilidade baseada em gênero.....	37
6.3	Repertório III: Sororidade, compartilhamento de narrativas e ação coletiva de mulheres em situação de violência e exploração.....	40
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tráfico internacional de mulheres consiste na mobilização ilícita de mulheres, realizada através do aliciamento e recrutamento de vítimas, majoritariamente oriundas de países em desenvolvimento. Esse processo ocorre, frequentemente, por meio de falsas promessas de emprego no exterior ou casamentos com parceiros cujo contato inicial se deu através de redes sociais ou aplicativos de conversa/relacionamento. Este crime, uma modalidade do tráfico de pessoas, ganhou destaque devido à predominância de mulheres enquanto suas vítimas, aliciadas para a prostituição sexual forçada. Diante disso, o tema ganhou relevância após iniciativas estatais de órgãos internacionais — como a Organização das Nações Unidas (ONU) — em parceria com ativistas digitais — a exemplo de Danny Boggione — com o objetivo de combater os casos de tráfico de mulheres por meio da informação e prevenção, compartilhando vídeos, notícias e eventos sobre a temática.

Dentre os canais de ativismo digital, destaco o "Sobrevivendo na Turquia", de Danny Boggione — brasileira residente na Turquia há mais de 20 anos —, que produz vídeos relacionados a crimes cibernéticos — golpe do amor, estelionato e tráfico de pessoas —, com ênfase no tráfico de mulheres. Nos vídeos sobre tráfico, a criadora do canal, embaixadora da ONU, convida vítimas para relatarem todo o processo de tráfico, desde o aliciamento até a exploração sexual — suas identidades são preservadas através do uso de alteração de voz, de codinomes e tarja no vídeo da vítima depoente. Devido à natureza do canal, inserido em uma rede social, os vídeos que ganham repercussão fomentam debates feministas sobre a posição da mulher na sociedade patriarcal, evidenciando como as desigualdades baseadas na vulnerabilidade de gênero refletem no aumento de casos de tráfico de mulheres. Esses discursos emergem nos comentários de mulheres da chamada "Turma do Gargarejo" — comentaristas ativas do canal que compartilham histórias e aconselhamentos sobre os casos —, que indexam (indicam) interpretações acerca do tráfico e da construção da vítima enquanto mulher.

Como essa descrição permite interpretar, o tema "tráfico internacional de mulheres" é relevante por discutir questões relacionadas aos papéis de gênero — construídos por uma sociedade patriarcal —, à vulnerabilidade social de mulheres que se reflete na forma como são vistas, e ao poder institucional que determina crenças e valores a serem seguidos para o enquadramento social. Dito isso, ao analisar essas temáticas, identificamos que elas exemplificam problemáticas que acabam por favorecer o crescimento do tráfico de mulheres, seja na esfera local ou internacional.

Entretanto, apesar da extrema importância do tema "tráfico internacional de mulheres", ele não é discutido em ambientes educacionais, acadêmicos, canais de TV aberta e reuniões familiares na medida em que deveria. Não há mobilizações tão expressivas quanto o avanço dos casos mundialmente registrados, nem a elaboração de campanhas ou políticas públicas que realmente evidenciem as causas reais que favorecem o crime, como as discutidas neste trabalho, fora do ativismo digital ou em um canal de TV isolado. Sendo assim, os passos que damos não acompanham a velocidade dos casos de escravização de mulheres que ocorrem constantemente e cada vez mais pujantes.

As motivações que me levaram a escolher este tema surgiram quando conheci o canal "Sobrevivendo na Turquia", em 2019. Na época, buscava vídeos sobre geopolítica, conflitos territoriais e culturas do Oriente Médio, quando encontrei a sugestão do canal. O primeiro vídeo que assisti abordava o relacionamento entre brasileiras e turcos, destacando como a diferença cultural dificulta o namoro entre estrangeiros. Os outros vídeos do canal apresentavam relatos de mulheres que sofreram golpes de "namorados" conhecidos através de redes sociais ou aplicativos de mensagens — e que nunca se encontraram pessoalmente. Casos como esses passaram a ser relatados com mais frequência no canal, por mulheres que se identificavam com as histórias.

Ao assistir ao episódio da série "Brasileiras no Oriente Médio", do canal de Danny Boggione, intitulado "Fui obrigada a fazer vida na Turquia | Meu marido era meu cafetão" — vídeo base da análise desta pesquisa —, percebi como mulheres próximas a mim poderiam facilmente estar no lugar da vítima Alice, pois este não é um caso esporádico, mas sim o de uma mulher que representa bilhões — se é que se pode mensurar — de outras que se encontram na mesma posição social. Diante disso, o respectivo trabalho surge com o propósito de interpretar criticamente os processos indexicais mobilizados pelas comentaristas deste vídeo em uma thread ou fio de comentários surgido a partir do comentário de Ana Clara — codinome por mim usado para preservar sua identidade.

Em posse de meu objetivo geral, que como expresso anteriormente é interpretar criticamente os processos indexicais mobilizados em comentários de mulheres sobre o tráfico internacional de mulheres, a partir do canal "Sobrevivendo na Turquia", no YouTube, em especial os que surgiram a partir do fio de comentários da comentarista Ana Clara, que teve 5,7 mil curtidas e 206 respostas<sup>1</sup>. Desse objetivo geral, decorrem dois específicos: i) identificar e classificar os processos indexicais presentes nos comentários analisados; e ii)

---

<sup>1</sup>Números de curtidas e respostas referentes à consulta por mim realizada em 6 de março de 2025.

mapear os repertórios discursivos mobilizados nos comentários e o modo como eles apontam para valores, crenças e normas sociais mais amplas, como as de gênero.

Em razão desse formato, este trabalho se situa na pesquisa qualitativa em Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2019), pois mobiliza experiências sociais e culturais envolvendo a linguagem, indo além da idealização abstrata de língua e partindo para o estudo da linguagem em uso, articulando-se com outras áreas do conhecimento. Para subsidiar as análises, foram mobilizadas as perspectivas teóricas da performatividade da língua (Austin, 1990) e dos processos de indexicalidade (Silverstein, 2003) que incluem as pistas e ordens indexicais, que analisam as escolhas linguísticas de um texto para indicar quais discursos circulam no meio social.

Em linhas gerais, o trabalho analítico permite interpretar que temáticas acerca das desigualdades de gênero, em geral, e a vulnerabilidade social de mulheres, acentuada por instituições de poder estruturalmente estabelecidas, são fatores que impulsionam o aumento de casos relacionados ao tráfico internacional de mulheres. Em suma, é em posse do instrumento analítico e através do repertório de comentários no vídeo "Fui obrigada a fazer vida na Turquia | Meu marido era meu cafetão", que analisarei comentários que indexam discursos que materializam outros discursos anteriormente ditos. Para isso, será necessário observar, através das escolhas linguísticas, como as comentaristas interpretam o relato da vítima e como, através dele, ressignificam os discursos pelos quais foram construídas (Foucault, 2004).

Isso posto, além desta Introdução e das Considerações Finais, este trabalho é composto por cinco seções, iniciando a introdução com as discussões sobre o tráfico internacional de mulheres: gênero, raça e classe na produção da vulnerabilidade; seguida pela segunda seção, abordando o canal "Sobrevivendo na Turquia": o ativismo feminista online e a quarta onda dos feminismos. Na terceira seção, tratarei sobre as notas metodológicas: uma prática de etnografia digital na linguística aplicada, para finalmente chegar ao Instrumental Analítico: indexicalidade, pistas e ordem indexical — seção quatro —, que utilizarei para subsidiar as análises presentes no corpus delimitado — seção cinco.

## 2 TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA PRODUÇÃO DA VULNERABILIDADE

Neste seção, discutiremos a forma pela qual o sexo é considerado mercadoria na indústria capitalista mundial e como as questões de raça, classe e gênero se articulam ao crime de tráfico internacional de mulheres, que vem se expandindo ao longo dos anos, retirando a liberdade de escolha das vítimas e infringindo os direitos humanos.

O tráfico de pessoas consiste na objetificação de vidas que são comercializadas como produtos no comércio ilegal. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (2022), o crime em questão é posto para fins de trabalho escravo, barriga de aluguel, venda ilegal de órgãos e trabalho sexual. O tráfico humano retira das vítimas tudo o que elas podem oferecer. No caso das mulheres, a maior fonte de renda relacionada ao crime — devido às questões de vulnerabilidade, raça e gênero — é, na maioria dos casos, o trabalho escravo sexual.

Segundo o Ministério da Justiça e da Segurança Pública (2023), o tráfico humano pode ser tanto interno (nacional), quanto externo (internacional). No primeiro, o recrutamento pode conduzir a vítima à exploração dentro do seu próprio país de origem; já no caso do tráfico externo ou internacional, a exportação da vítima é direcionada para fora de seu país de origem. Normalmente, o Brasil — e outros países em desenvolvimento — é considerado um dos locais de recrutamento para o tráfico humano externo, especialmente o tráfico de mulheres, onde se localizam as possíveis vítimas para os trabalhos destinados ao crime.

O crime é considerado tráfico de pessoas independentemente do consentimento ou não da vítima (Cf. Conselho Nacional do Ministério Público, s.d.), com inúmeras pessoas sendo enganadas ao receberem propostas de emprego, um namoro virtual ou promessas de melhoria de vida que acabam em retenção de passaporte, ameaças e agressões.

A expressão "tráfico de pessoas" significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. (Brasil, 2004)

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM Brasil, 2022), cerca de 96,36% das vítimas de tráfico internacional de pessoas são mulheres, com a finalidade de trabalho escravo sexual, sendo 85,99% delas brasileiras. O tráfico internacional de mulheres tem diversas finalidades — em sua maioria trabalho escravo, pois retira das mulheres seu

poder de escolha, sua liberdade e sua identidade — como para a chamada “barriga de aluguel”, venda ilegal de órgãos, trabalho doméstico escravo e exploração sexual.

As mulheres vítimas do crime têm um perfil, o chamado vítima em potencial, que convencionalmente define quais mulheres podem cair numa tentativa de aliciamento, seja um perfil econômico, de classe social, crença ou cor de pele, por exemplo. No entanto, é importante compreender que todas estão na posição de vítimas em potencial apenas por serem mulheres (Brasil, 2016), e que as discussões sobre a temática em questão tem relação com nossa forma de encarar os estereótipos e preconceitos relacionados à figura da mulher, visto que os pontos altos do tráfico consistem na forma patriarcal de ver a figura feminina, nos problemas de gênero e raça presentes nos discursos de grupos tidos como influentes — homem, cisgênero, heterossexual e branco.

Em posse disso, e ao analisarmos a perspectiva das diferenças estruturais e sociais presentes no Brasil relacionadas à figura do homem e da mulher, percebemos o porquê de brasileiras serem a maioria na rota do tráfico: essas situações ocorrem devido às desigualdades socioestruturais presentes na sociedade brasileira, visto a falta de acesso à educação, ao emprego e à forma como as mulheres aparecem nas esferas públicas, uma herança patriarcal na forma de enxergar o feminino em sociedade. Delimitando mais o perfil, principalmente na categoria raça, são as mulheres negras — a partir da produção interseccional da vulnerabilidade — que ocupam posição de destaque na rota do tráfico de pessoas, visto que a maioria das mulheres que compõe as classes menos favorecidas é negra e sofre os mais diversos tipos de preconceitos, seja de gênero, raça ou classe social, apontando para a interseccionalidade, visto que:

[...] é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (Crenshaw, 2002, p. 173).

Percebemos, de acordo com a citação acima, que existem várias formas de discriminação, além da discriminação de gênero, que evidenciam os diferentes fatores que afligem inúmeras mulheres. Isso posto, é notório ressaltarmos que os parênteses que se abrem ao colocarmos a mulher em análise, a evidenciará, dependendo da combinação de fatores que a colocam em desigualdade social, cada vez mais. Esse delimitador aparece, inclusive, no caso a ser aqui analisado, pois Alice — codinome dado à vítima por Danny Boggione — é

uma mulher brasileira negra, e sua nacionalidade e raça foram usadas por seu marido cafetão como justificativa para ela se prostituir.

O Brasil é signatário do marco normativo internacional denominado Protocolo de Palermo<sup>2</sup>, referente ao enfrentamento do crime de tráfico envolvendo, principalmente, mulheres e crianças no que se refere à prevenção, repressão e punição do tráfico de pessoas. Além deste acordo feito com outros países, em 2016 entrou em vigor a Lei n.º 13.344, de 6 de outubro, sobre o tráfico de pessoas cometido em solo brasileiro, contra brasileiras e estrangeiras, e no exterior contra vítimas brasileiras.

Soares e Souza (2018) discorrem sobre a crescente necessidade do capitalismo em manipular pessoas através dos meios de comunicação, a fim de gerar lucro, afetando a cultura e influenciando os consumidores em geral. O avanço da globalização e do capitalismo passou a moldar a população às formas e estilos de vida vigentes, incentivando-nos a tornar matéria-prima, para fins lucrativos, tudo aquilo que pode ser visto como necessidade humana, incluindo o desejo sexual.

Este, considerado principal produto do mercado do sexo, pode estar vinculado às noções de indústria — quando o sexo e a sensualidade estão ligados à compra e venda de objetos de desejo, não necessariamente ligados à prostituição. Entretanto, segundo o Conselho Nacional do Ministério Público (2016), a busca incessante em lucrar e esbanjar poder pode permear o âmbito criminal que envolve o recrutamento, o transporte, a transferência e o alojamento de pessoas em situação de vulnerabilidade, como as mulheres.

Neste sentido, a antropóloga Adriana Piscitelli (2016a) reflete sobre a relação do chamado *mercado do sexo* e sua articulação com as categorias sociais:

Finalmente, a noção de mercados do sexo foi desenvolvida em linhas teóricas informadas por perspectivas feministas, levando em conta as distribuições desiguais de poder que permeiam essas trocas e suas expressões na articulação entre gênero e outras categorias de diferenciação, raça, classe, idade, nacionalidade (Piscitelli, 2016a, p. 136).

Com base no que foi citado, existe uma diferenciação entre o que chamamos de *indústria do sexo* e *mercado do sexo*. O primeiro está vinculado ao comércio de produtos do nicho sexual, já o segundo está associado ao trabalho sexual e à prostituição, consentida ou não, embora, muitas vezes, ambos os termos possam ser usados como sinônimos. A

---

<sup>2</sup>Para uma melhor compreensão e aprofundamento, recomenda-se ver: BRASIL. **Decreto nº 5.017, de 12 de março de 2004**. Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm). Acesso em: 20 dez. 2024.

prostituição está ligada à comercialização do sexo em troca de bens materiais, seja dinheiro, roupas, viagens ou uma forma de “ajuda”, principalmente concebidos em pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica que são remetidas à categoria dos intercâmbios sexuais<sup>3</sup> de países em desenvolvimento, como o Brasil, podendo ocorrer abuso ou exploração sexual de mulheres:

Alguns autores consideram, porém, que no Brasil, no marco da persistência de intensas desigualdades de classe marcadas por raça e gênero, e apesar da crescente separação entre as esferas pública e privada, o status social e as relações pessoais continuam sendo relevantes na percepção das pessoas e na redistribuição de recursos (DaMatta, 1978 *apud* Piscitelli, 2016a, p. 136)<sup>4</sup>.

Visto isso, países dotados de camadas sociais e economicamente desiguais contribuem para o crescimento exponencial da desigualdade financeira e cultural dos seus indivíduos, propiciando eventos e espaços capazes de favorecer situações de tráfico e outros tipos de violência àqueles menos assistidos que tiveram toda a sua construção social desfavorecida de conhecimentos edificantes.

A falta de investimentos em políticas públicas e da criação de empregos e leis trabalhistas em países em desenvolvimento contribuem para a precarização do trabalho e a grande onda de desemprego presentes em muitas famílias desassistidas, que em busca de sobrevivência, tornam-se alvos fáceis para situações degradantes de exploração. Sujeitos esses, que em sua maioria são mulheres.

A globalização econômica gerou um agravamento da desigualdade econômica e social e um fenômeno específico que tem sido designado internacionalmente de ‘feminilização da pobreza’, pois a maioria das pessoas que vivem com 1 (um) dólar ou menos por dia são mulheres (Dupas, 1999, p. 34).

Em consonância com o exposto, podemos concluir que globalização tornou-se um dos principais contribuintes para a propagação do crime de tráfico humano, em especial o tráfico de mulheres, haja vista que uma de suas principais finalidades é a interconexão de pessoas em diferentes espaços do mundo, em tempo real.

Visto isso, o crime ganhou moldes e organizações complexas, dificultando seu combate, e o alinhamento desses fatores com o fenômeno da feminilização da pobreza, descrito por Dupas (1999, p. 34), acabou por criar mecanismos avançados de aliciamento, sendo o compartilhamento de culturas, práticas e tradições, o carro-chefe de criminosos,

---

<sup>3</sup>Adriana Piscitelli faz uso do termo para indicar a troca de sexo por benefícios em geral.

<sup>4</sup>A citação direta em questão refere-se a uma citação direta extraída de uma citação indireta, por isso não temos a página fonte para DaMatta (1978).

traficantes e aliciadores para convencer vítimas em situação de vulnerabilidade, muitas vezes com baixo nível de escolaridade, a presumir que estão tomando uma decisão assertiva ao escolher um emprego, uma amizade ou um relacionamento com um estrangeiro.

O Discurso presente em diversos grupos sociais se repete entre eles, seja vítima, aliciador ou aquele que está em uma posição distinta de observação. Seus repertórios se distanciam entre grupos, mas se aproximam de acordo com as semelhanças de seus falantes. É a partir desse repertório de conceitos que conseguimos compreender seus significados, suas crenças, seu campo social e suas trajetórias de socialização (Wortham, 2005) que constroem identidades de maneiras complexas, performando a dinâmica social e cultural.

O fato de a maioria das vítimas do tráfico de pessoas ser mulheres brasileiras vai além de uma análise quantitativa, mas reflete a posição de objetificação da mulher, a violência e a desigualdade de gênero, marcadas pela subalternidade ainda presente na sociedade contemporânea, em conjunto com a pobreza. O fator nacionalidade também influencia a seleção de mulheres a ocuparem o papel de vítima, devido aos estereótipos criados pelas culturas que vão além do Oceano Atlântico — culturas transatlânticas —, criação que leva as mulheres brasileiras a ocupar o primeiro lugar na posição de vítimas do tráfico.

No início dos anos 80, a percepção que nem todas as mulheres sofriam com os mesmos preconceitos e que suas necessidades não eram as mesmas que as das europeias burguesas impulsionou à discussão sobre os problemas de gênero, culminando no termo “interseccionalidade”.

Na próxima seção, analisarei como os avanços das ondas do movimento feminista contribuem para a prevenção e conscientização sobre o tráfico de mulheres, e como os fatores ligados ao gênero, raça e classe social se interseccionam neste crime. Ademais, exploraremos como o ativismo digital da quarta onda feminista favorece o reconhecimento do crime e a criação de narrativas de mulheres vítimas do tráfico, que conquistam voz nos meios digitais.

### 3 “SOBREVIVENDO NA TURQUIA”: O ATIVISMO FEMINISTA *ON-LINE* E A QUARTA ONDA DOS FEMINISMOS

*“A exploração sexual de mulheres deve ser encarada como uma forma de violência de gênero e o resultado do desequilíbrio das relações entre mulheres e homens”.*  
(Santos; Gomes; Duarte; Baganha, 2008, p. 6)

Nesta seção, discuto como se deram os avanços feministas através de uma breve ilustração das chamadas “*Ondas do Feminismo*”, que detalham sobre como houve a progressão do movimento feminista e sua expansão, similar à onda do mar: com avanços mesmo que pequenos, considerando o contexto — as condições climáticas —, sua intensidade e período — tempo necessário para completar um ciclo. Ademais, destacarei a quarta onda feminista, enfatizando sua importância no ativismo digital utilizado para discutir o tráfico internacional de mulheres.

A ideia em representar uma linha do tempo das conquistas feministas através da onda do mar, nos faz refletir sobre as lutas de muitas mulheres pela, até então, igualdade de direitos, seja em seu lar e, principalmente, na sociedade. Ora, as ondas se dão como camadas, dependendo das condições climáticas, da intensidade, da velocidade, do período e variam de acordo com países e regiões. Elas não são constantes ou lineares.

Temas como gênero e sexualidade, por muito tempo, foram considerados temas indiscutíveis numa sociedade patriarcal. Homens e mulheres tinham deveres e obrigações totalmente diferentes, que valorizavam a figura masculina como liderança da casa — esfera privada —, no ambiente de trabalho, na economia e na política — esfera pública. Já as mulheres não tinham poder de liderança e não lhes competia direito de escolha; suas obrigações eram servir a seu marido e aos seus filhos, cuidar e procriar.

Dito isso, destaco que as autoras Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021, p. 63-70), ao descreverem como ocorreram os movimentos das ondas, relatam que a primeira onda feminista (meados do século XIX e início do século XX) ocorreu devido às insatisfações com as normas impostas pelo modelo patriarcal, o que levou algumas mulheres de famílias influentes, com privilégios de classe, como Mary Wollstonecraft (2023), a indagar sobre a emancipação da mulher, o direito ao voto e a igualdade no casamento. Aqui se estabelece o sufrágio feminino.

É importante ressaltar que muitas das mulheres que foram alcançadas pelas primeiras conquistas feministas eram mulheres brancas, europeias e de classe média-alta. Chama

atenção o fato de que mulheres pretas ou pardas, pobres e sul-americanas só vieram a ser atendidas pelos benefícios do feminismo nas próximas ondas, visto que, durante o início do movimento, as mulheres que lutaram pelo direito ao voto e, principalmente, pelo direito de trabalhar fora de casa não representavam aquelas outras que, por serem pobres, já trabalhavam em grande escala de horários, obrigatoriamente.

A segunda onda do feminismo, como nos aponta Nogueira (2001), acontece entre os anos de 1960 a 1980, com o avanço de discussões ligadas com a problematização do corpo, da sexualidade e das violências sofridas pelas mulheres, seja ela física ou emocional, relacionadas ao direito de escolha na procriação e à violência sexual cometida por seu parceiro. Nesta fase do movimento, foram levados a público os tipos de abusos que aconteciam dentro das próprias casas.

Visto isso, a terceira onda consiste na busca pela identidade, rompendo com os padrões maniqueístas da modernidade, como discorre Butler (2018, p. 174-175), trazendo caráter pós-moderno, indo além das questões de gênero — mulher e homem — e valorizando reflexões sociais como um todo. É nesta fase que as mulheres negras irão aparecer fortemente em busca de seus interesses, fortalecendo o feminismo enquanto movimento e pondo em questão a presença do feminismo negro. Aqui estamos tratando não apenas de igualdade, mas sim de equidade.

Com o avanço da internet e das redes sociais, a possibilidade de divulgação em grande escala e em tempo real contribuiu para os avanços do movimento feminista, pois a forma de organização do ativismo mudou em consequência da mudança dos mecanismos de divulgação. Sendo assim, a partir das redes sociais, os debates e reivindicações acontecem sem riscos de as ativistas sofrerem represálias físicas, embora muitas delas sofram diversos tipos de violências virtuais. Isso posto, o feminismo contemporâneo se estabelece em relação com a quarta onda feminista, tal como afirma Ferreira (2015, p. 223): “essas teias político-comunicacionais [...] são elementos importantes para entender e investigar convenções ligadas à violência e às corporalidades no cenário feminista atual”.

É através da internet e por meio das redes digitais de divulgação de informação e de conversas que inúmeras mulheres passam a estar interconectadas com os debates acerca da violência de gênero. Essas temáticas estão comumente associadas às realidades de inúmeras vítimas de discriminação, pois, por meio das redes, há a possibilidade do compartilhamento de histórias, de narrativas de mulheres que estão expostas a situações de violência por seus

próprios familiares e que, através dos meios digitais, podem ser notadas e fazerem outras mulheres também serem notadas e se reconhecerem como o que de fato são: vítimas.

À vista disso, a quarta onda feminista possibilitou a ampliação de discussões relacionadas à violência de gênero através de recursos tecnológicos favorecendo conteúdos autorais, feministas e políticos, a fim de contribuir para o avanço das discussões relacionadas ao corpo, à sexualidade e à raça, sem que haja a restrição de homens e daqueles que julgam ser superiores às temáticas em questão. A criação de páginas, de *templates*, *hashtags*, de perfis e de canais através de redes sociais como o *Instagram*, *Facebook*, *X (antigo Twitter)* e de aplicativos para a criação de vídeos como o *Youtube*, *TikTok*, *Kwai* e *Twitch* proporciona a propagação de inúmeros conteúdos informativos, um grande ativismo digital que pode atingir qualquer pessoa localizada em um ambiente virtual.

Entretanto, apesar do lado positivo das redes sociais e da internet, existe um outro lado ao qual muitas pessoas não dão a devida importância: enquanto existem mulheres contribuindo para o avanço das discussões de gênero e a aniquilação da violência contra a mulher, existe o lado que utiliza esse mesmo instrumento para fazer o oposto. A tecnologia — mais precisamente, a digital — está extremamente presente no cotidiano das pessoas e em diferentes situações, que muitas vezes não permitem ser possível distinguir ou separar os nexos *online* do *offline*.

Através de canais e outros meios de comunicação, nos informamos sobre a impunidade de crimes digitais contra a mulher, devido à complexidade de identificar quem está do outro lado da tela, pois, em um ambiente “não real” (se é que podemos assim dizer), é possível assumir várias identidades. Esse avanço digital, presente em uma sociedade globalizada, possibilita que haja uma relação de interatividade entre sujeitos de raças, identidades e culturas distintas para inúmeros fins — incluindo os crimes cibernéticos.

No canal chamado “Sobrevivendo na Turquia”<sup>5</sup>, a *Youtuber*, a influenciadora e ativista da ONU, Danny Boggione, traz casos reais de brasileiras no Oriente Médio, dando espaço para que mulheres vítimas do crime possam narrar seu processo de aliciamento, com o objetivo de alertar a outras mulheres, além de fazer com que as inscritas do canal se identifiquem como vítimas do que, para elas, foi apenas uma entrevista de emprego, um namoro com estrangeiro ou uma viagem para conhecer um possível namorado.

---

<sup>5</sup>Canal disponível em: <https://www.youtube.com/@SobreVivendonaTurquia>.

Obviamente, o objetivo da *Youtuber* e ativista do canal é de alertar, e não trazer o tema para a área da linguagem/linguística. Entretanto, é através das narrativas das depoentes que conseguimos identificar marcas de identidade da vítima, do aliciador e, nos comentários, os posicionamentos interacionais que ocorrem nos discursos da chamada “Turma do gargarejo” (comentaristas) do canal, que possibilitam compreender a maneira como esses discursos são vistos e compartilhados em grupos sociais.

Danny Boggione é uma mulher brasileira que mora na Turquia e, no final do casamento com um turco, encontrou problemas para obter a guarda de seu filho. É nesse cenário que ela resolve compartilhar as experiências do processo contra o ex-marido, usando os recursos *online* para ajudar outras mulheres que estão passando por situação de divórcio com estrangeiro e que lutam pela guarda dos filhos.

Após a primeira publicação sobre a temática, seus vídeos passaram a viralizar nos meios de comunicação, formando um coletivo de mulheres engajadas em denunciar suas experiências de: i) violência de gênero por parte de parceiros estrangeiros; ii) o golpe do amor através de redes sociais e aplicativos de conversa, em que os golpistas criam identidades falsas, enganando as vítimas romanticamente com a ideia de um falso namoro, retirando dinheiro ou fotos íntimas para chantageá-las; e iii) tráfico internacional de mulheres, que ocorre através de propostas de empregos falsas, um namoro com um estrangeiro que conheceu em uma rede social, aplicativo de namoro ou aplicativo de idiomas.

Através do compartilhamento e repercussão de seus vídeos, passaram a chegar a ela *e-mails* de brasileiras relatando um suposto relacionamento com um estrangeiro, com o questionamento se deveriam ou não se mudar para o exterior ao encontro do “namorado”. É através das histórias lidas e de suas trajetórias de socialização que Danny Boggione percebe que ali não se trata de um relacionamento, mas sim de um aliciamento.

Devido ao grande número de *e-mails* relatando casos de aliciamento, a ativista digital desenvolve uma forma de enfrentamento aos crimes de tráfico de pessoas, criando vídeos sobre casos reais de tráfico, os *modi operandi* dos criminosos e os perfis de vítimas em potencial. Devido o seu trabalho e à grande repercussão sobre casos reais de tráfico humano, ela recebe o convite para ser embaixadora da ONU nos casos de tráfico de pessoas.

A criação do canal, como relata Danny, foi feita em 11 de novembro de 2013. Após seu primeiro vídeo sobre o tráfico de mulheres, outras vítimas passaram a se reconhecer como tal e a procurar o canal para relatar sua história. Atualmente, o canal é conhecido pelo conteúdo de prevenção nos casos de tráfico de pessoas, com ênfase no tráfico de mulheres.

Até o presente momento, o “Sobrevivendo na Turquia” tem 674 mil inscritos, 901 vídeos postados sobre os temas que aqui foram mencionados e um total de 111.621.550 visualizações<sup>6</sup>. Danny Boggione tem perfil ativo nas redes sociais — *Instagram*<sup>7</sup>, *Facebook*<sup>8</sup> e no *X (antigo Twitter)*<sup>9</sup> — nos quais ela posta vídeos e notícias em tempo real sobre a temática.

Além de gravar vídeos para o seu próprio canal no *Youtube*, através do ativismo digital, ela participou de entrevistas em vários *podcasts* sobre os casos de tráfico de mulheres que acompanhou durante seu envolvimento no combate ao crime, e tem um trabalho de prevenção através da informação. Em 2021, o canal “Sobrevivendo na Turquia” fez parceria com a Record TV para uma série de reportagens em rede nacional. Em 2024, ela recebeu o prêmio da ALMG (Assembleia Legislativa de Minas Gerais) pelo trabalho no enfrentamento ao tráfico de pessoas:

O fenômeno do ativismo digital, ou ciberativismo, a exemplo disso, tem se constituído como vetor de hibridização e de pulverização de performances identitárias, as quais produzem desestabilizações em uma matriz colonial, fundada historicamente sob a égide do racismo, do machismo, do sexismo, do ódio às dissidências sexuais e de gênero, por exemplo (Silva, 2020, p. 408).

Na próxima seção, abordarei os aportes metodológicos que servirão como instrumentos para a pesquisa em questão, com foco de observação no modo como as mulheres que participam de coletivos feministas digitais produzem uma reflexividade feminista sobre suas experiências de violência e opressão na ordem do tráfico internacional de mulheres, a partir da interpretação e análise dos comentários.

---

<sup>6</sup>Dados de inscritos, vídeos postados e número de visualizações referentes a consulta por mim realizada em 6 de março de 2025.

<sup>7</sup>Para conhecer, **ver.:** [instagram.com/dannyboggione](https://www.instagram.com/dannyboggione)

<sup>8</sup>Para conhecer, **ver.:** [facebook.com/sobrevivendonaturquia](https://www.facebook.com/sobrevivendonaturquia)

<sup>9</sup>Para conhecer, **ver.:** [twitter.com/DanieleBoggione](https://twitter.com/DanieleBoggione)

#### 4 NOTAS METODOLÓGICAS: UMA PRÁTICA DE ETNOGRAFIA DIGITAL NA LINGUÍSTICA APLICADA

Nesta seção, faço uma delimitação da pesquisa em questão, mostrando o porquê de ela estar situada na abordagem qualitativa e interpretativista do campo da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006), levando em consideração a perspectiva crítica do discurso. Além disso, apresentarei a técnica metodológica da etnografia digital (Ciborga, 2022) para a geração de dados, obtidos através dos comentários da "Turma do Gargarejo", com a temática do tráfico internacional de mulheres.

Segundo Moita Lopes (2006), os estudos da linguagem proporcionaram grandes avanços no campo da linguística, ultrapassando os estudos descritivos e abstratos da Linguística Tradicional, que por muito tempo revigorou seus ideais no ensino de língua materna, baseando-o em um viés positivista. A ideia de uma ciência linguística fundamentada na criação e definição de um objeto de estudo concreto, quantificável, padrão e inquestionável afastava, dia após dia, a linguística de questionamentos reais que a envolviam em uma sociedade diversa. Nesse cenário, os estudos da Linguística Aplicada (LA) surgem para mobilizar as questões envoltas na linguagem, abordando problemas reais presentes na sociedade por meio da relação com outras áreas do conhecimento.

Diferentemente da Linguística Tradicional, que se caracterizava pela ausência de diálogo com outros campos do conhecimento e se concentrava em pesquisas que buscavam a universalização de suas teorias, métodos e resultados, a LA se fundamenta em princípios como a parcialidade do conhecimento, o caráter interpretativo da pesquisa e a interdisciplinaridade com áreas como Antropologia, Sociologia, Filosofia, História, entre outras, como elementos constitutivos de seus estudos. Nesse sentido, como afirma Moita Lopes (2006, p. 31), “o que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem<sup>10</sup>, que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades”.

Os estudos positivistas preconizavam a separação entre pesquisador/a e objeto de estudo, visando a uma suposta neutralidade na pesquisa, livre de "contaminação". Essa separação buscava expurgar a subjetividade do pesquisador/a, a fim de garantir a pureza dos dados e, conseqüentemente, a neutralidade dos estudos. Em contraposição, na Linguística Aplicada (LA), a presença do/a pesquisador/a é considerada essencial, reconhecendo-se a

---

<sup>10</sup>Devemos incluir também as mulheres.

inseparabilidade entre pesquisador/a e objeto de estudo. Assim, o pesquisador/a, munido de sua subjetividade e consciente de sua não-neutralidade, interpreta criticamente os dados gerados. Essa valorização da subjetividade torna-se um dos princípios basilares da Linguística Aplicada e da pesquisa qualitativa, pois possibilita a incorporação de uma maior criticidade nos estudos linguísticos.

Uma das abordagens metodológicas das pesquisas nas Ciências Sociais voltada ao estudo das relações sociais, crenças, culturas e valores que caracterizam um grupo social é a chamada Etnografia (Malinowski, 1978). Historicamente, seus instrumentos foram projetados para investigar comunidades “exóticas” e isoladas, com a inclusão direta do/a pesquisador/a em campo, para analisar a forma do comportamento humano e as relações interpessoais. Entretanto, diante das transformações sociais, das novas formas de sociabilidade e das mudanças nas práticas comunicativas decorrentes da globalização, as finalidades e os métodos de estudo da produção de significados em contextos socioculturais na Antropologia também se modificaram.

Com o advento da internet comercial e das comunicações mediadas por dispositivos móveis, os métodos etnográficos foram sendo transformados para abarcar as especificidades das relações sociais em ambientes digitais, revisando conceitos básicos como os de “campo” e “imersão” que se expandiram para contextos digitais. Tendo em vistas essas transformações, o processo etnográfico, na busca de atender as necessidades das novas sociedades e gerações, modernizou-se, dando origem à Etnografia Digital (Ciborga, 2022), amplamente incorporada aos estudos da linguagem na Linguística Aplicada, devido ao seu potencial de captar as particularidades das práticas de linguagem *online* e seus processos de produção de sentido, sem perder de vista seus trânsitos com práticas sociais *offline*.

Segundo o Coletivo Ciborga (2022, p. 23),

a etnografia digital nos estudos da linguagem tem muito a colaborar nesse cenário, pois deve produzir conhecimento fundamentado não apenas sobre as interações que ocorrem no ambiente digital, mas também sobre o que essas interações ter a ver com as nossas ações pela linguagem moldadas pela forma como o ambiente digital tem sido pensado e desenhado de modos específicos.

Sendo assim, podemos concluir que ao utilizarmos a etnografia digital como metodologia, conseguimos responder a questões como: de que forma a internet pode afetar as relações sociais no tempo-espaço? Como refletir criticamente sobre os usos linguísticos reais através das redes? De que maneira as identidades são performadas e autênticas em ambientes considerados oscilantes?

Nas sociedades contemporâneas, as interações entre os/as sujeitos/as são influenciadas diretamente pela relação mútua entre os nexos *online* e *offline*. Nesses ambientes, conseguimos identificar a forma como a linguagem se manifesta em ambos os “mundos”, possibilitando-nos discutir a linguagem em uso e a construção de identidades nos meios de comunicação digital. Um simples exercício de pensarmos que uma interação mediada em rede social — no ambiente *online* — pode vir a gerar consequências significativas nas relações físicas *offline*, mostra-nos a intensidade das relações interpessoais mediadas pela linguagem e a forma como as identidades são criadas no ambiente digital.

Para os objetivos deste trabalho, nossa prática analítica de etnografia digital se deu na plataforma *Youtube*, mais especificamente no canal “Sobrevivendo na Turquia”, entre julho de 2024 e janeiro de 2025. O corpus analisado provém dos comentários do vídeo intitulado “Fui obrigada a fazer vida na Turquia| Meu marido era meu cafetão”<sup>11</sup>, em que Danny Boggione entrevista uma mulher vítima de tráfico internacional de mulheres. No vídeo, ela relata sua experiência ao se mudar para a Turquia, aliciada sob a promessa de um casamento feliz com um turco. O vídeo, postado no dia 14 de novembro de 2019 no canal reserva de Danny Boggione, pertence à playlist “Brasileiras no Oriente Médio”, e conta com aproximadamente 850.463 visualizações, 45 mil curtidas e 7.113 comentários<sup>12</sup>.

Na próxima seção, apresentarei o instrumento analítico — indexicalidade, pistas e ordem indexical — que será utilizado na interpretação dos comentários sobre o tráfico internacional de mulheres.

---

<sup>11</sup>Assista: Danny Boggione: “FUI OBRIGADA A FAZER VIDA NA TURQUIA | MEU MARIDO ERA MEU CAFETÃO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7c-uyK5Nlio>. Acesso em 10 set. 2024.

<sup>12</sup>Dados de visualizações, curtidas e comentários referentes a consulta por mim realizada em 6 de março de 2025.

## 5 INSTRUMENTAL ANALÍTICO: INDEXICALIDADE, PISTAS E ORDEM INDEXICAL

Nesta seção, discutirei a linguagem em uso enquanto produto socioantropológico pragmático, que se distancia das imposições da filosofia analítica e do seu caráter descritivo, vericondicional e estruturalista de outrora. Além disso, tomarei por foco a linguagem enquanto prática discursiva mobilizada pela interação. Ademais, abordarei como o processo instrumental analítico a ser utilizado — indexicalidade, pistas e ordens indexicais — manifestam-se nos Discursos<sup>13</sup>.

Ao revisitarmos a história e os fatos relacionados à linguagem, percebemos que os primeiros estudiosos a se preocuparem com essa temática foram os filósofos. O objetivo era o de descobrir a veracidade presente na linguagem através da vericondicionalidade — condição de verdade — e da lógica contida nas ciências exatas para explicar a linguagem antes de estabelecer modelos lógicos. Para isso, John L. Austin (1990) dividiu os enunciados por tipos a fim de analisar seus significados. Ele percebeu que nem todos os enunciados indicavam afirmações — enunciados constativos —, existiam aqueles especiais que apareciam e performavam alguma ação que produzia efeitos:

Podemos afirmar, então, que quando analisamos a linguagem, nossa finalidade não é apenas analisar a linguagem enquanto tal, mas investigar o contexto social e cultural no qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a "racionalidade", enfim, desta comunidade, elementos estes dos quais a linguagem é indissociável. A linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada. Não há mais uma separação radical entre "linguagem" e "mundo", porque o que consideramos a "realidade" é constituído exatamente pela linguagem que adquirimos e empregamos (Austin, 1990, p. 10)

Austin trouxe para os estudos da linguagem termos como performativo, ilocucionário e atos de fala, que, muitas vezes, são indissociáveis e têm relação entre a fala e o seu uso, pois uma das temáticas estudadas por ele era a linguagem ordinária. O performativo consiste não em descrever ou afirmar enunciados, mas sim em mostrar como eles realizam algo. Com isso, percebemos que a linguagem também é encarada não apenas como descritiva, mas também como realizadora, o que torna todos os atos de fala performativos, pondo fim à separação entre eles.

---

<sup>13</sup>Segundo Guimarães (2014 apud Gee, 2005b), o discurso (d/minúsculo) refere-se à ação de se comunicar e Discurso (D/maiúsculo) refere-se à ideologias estruturais .

Como discutido nas seções desta pesquisa, os meios de comunicação passaram a ter grande importância na conexão de pessoas e, principalmente, de discursos. Através do ativismo digital, temos o compartilhamento de bandeiras, lutas e de discursos dotados de críticas e práticas discursivas relacionadas à temáticas sociais.

Ao mesmo tempo em que temos notícias sendo propagadas em minutos, também temos textos que viajam e atingem inúmeras pessoas, construindo significados diferentes, indexando (indicando) como certos discursos são construídos através da prática discursiva, fundamentados na cultura:

Quando falamos que o uso linguístico é indexical estamos afirmando que não são apenas os elementos dêiticos que indiciam (indexalizam/ "apontam para") os contextos aos quais se referem, mas que todo uso linguístico é indexical, no sentido de que nossos usos linguísticos trazem sempre as marcas dos contextos para os quais apontam (Bonfim; Alencar, 2017, p. 33)

Silverstein (2003) alega que as formas linguísticas são indexicais, indicando aspectos sociais e culturalmente compartilhados entre interlocutores. Assim, na indexicalidade, as escolhas linguísticas de um texto passam a indicar um Discurso circulado e estruturalizado, visto que as escolhas feitas para a criação do texto são formas de pistas que contribuem para a interpretação do Discurso produzido, são elas que dão a intenção que está para fora do texto:

[...] se agora me interessa de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social". (Foucault, 2004, p. 276)

A forma como nomeamos e escolhemos termos e signos linguísticos em geral indica como somos construídos socialmente e os tipos de discursos aos quais fomos expostos. Como mencionado acima, os discursos que proferimos não são criados individualmente, são construídos socioculturalmente através de seleções lexicais que são impostas, muitas das vezes, de forma inconsciente.

Para interpretarmos textos em geral, olhamos para o que os signos indicam, as escolhas que fazemos para significar, o que queremos (re)produzir. Esses signos apontam para fora, ou seja, para o contexto e práticas discursivas e sociais. Visto isso, "as formas linguísticas indexam contextos particulares e, além disso, engendram representações específicas sobre o movimento do discurso e o modo como deve ser reconhecido" (Silva; Alencar, 2014, p. 266).

É importante ressaltar que nem todos os discursos são determinantes para estabelecer convenções a serem seguidas, “normatividades, sistemas de estratificação e hierarquização entram em jogo no modo como definimos sentidos válidos, criamos pertencimento e identificações em sociedade” (Guimarães, 2014, p. 74). As escolhas não são feitas de qualquer forma, elas seguem uma ordem estabelecida por quem manipula o discurso, aqueles que hierarquizam e validam como e o que deve ser dito, visto que, como argumenta Foucault (2012, p. 9), o discurso está na ordem das leis e, como qualquer ordem, ele segue regras, normas, hierarquias, sistemas e classificações.

Fazendo analogia à “*A ordem do Discurso*” de Foucault, as normatividades e sistemas de poder que influenciam diretamente o discurso contribuem na forma de interpretação e de atribuição de significados às práticas discursivas, ou seja, a indexicalidade também carrega ordem — social —, as chamadas ordens indexicais que “são normatividades que emanam dos centros institucionais e organizam hierarquicamente significados em jogo nos processos interacionais” (Guimarães, 2014, p. 74).

Durante a movimentação dos textos através dos meios de comunicação, por exemplo, o sistema de códigos — o linguístico — é compartilhado para inúmeros interactantes de diversas culturas e espaços geográficos. Apesar do linguístico ser compartilhado em diferentes lugares do mundo, o significado primário dele nem sempre o segue, pois, como mencionei, as pistas indexicais nos farão olhar para determinados signos que são dotados de regras convencionais da cultura daquela realidade, o que determinará a forma de interpretação do texto que foi compartilhado:

Tais investigações têm demonstrado que ao interagirmos socialmente através de nossas práticas de linguagem estabelecemos, além de laços identitários, processos locais de negociação de sentidos que indexalizam processos culturais mais amplos. O que significa que a nossa atuação linguística materializa aspectos situados relativos ao momento da interação e também elementos de uma ordenação social maior da qual esse momento situado faz parte (Bonfim; Alencar, 2017, p. 32)

As diferentes formas como o texto é interpretado devido a fatores culturais e sociais podem fugir da interpretação do sentido primário, alterando a ordem indexical e, conseqüentemente, a performance do discurso, visto que o significado se dará pelas negociações de sentido feitas pelos interactantes que compartilham semelhantes construções identitárias e sociais. A “[...] ‘ordem indexical’ é o conceito necessário para nos mostrar como relacionar os quadros microssociais com os macrossociais de análise de qualquer

fenômeno sociolinguístico (Silverstein, 2003, p. 193, tradução nossa)<sup>14</sup>”. Em outras palavras, é relacionar o texto com a prática discursiva e relacioná-la à prática social.

Na próxima seção, farei análises de comentários retirados de um determinado vídeo do canal “Sobrevivendo na Turquia”, de Danny Boggione, sobre o tráfico internacional de mulheres, e como os processos de indexicalidade, pistas indexicais e ordens indexicais estão relacionados aos textos retirados dos comentários e como representam a materialidade do discurso relacionado ao tráfico de mulheres.

---

<sup>14</sup>Redação original: “[...] ‘indexical order’ is the concept necessary to show-ing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon (Silverstein, 2003, p. 193)”.

## 6 INTERPRETANDO ORDENS INDEXICAIS E REPERTÓRIOS FEMINISTAS NOS DISCURSOS SOBRE TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES NO YOUTUBE

Visando aprofundar e aplicar o instrumental analítico e a base teórica até aqui desenvolvida, nesta seção apresento uma análise de comentários de inscritos extraídos do vídeo “Fui obrigada a fazer vida na Turquia | Meu Marido era meu cafetão”, postado no canal de ativismo digital, do *YouTube*, “Sobrevivendo na Turquia” em 14 de novembro de 2019. Essa análise tem por vistas interpretar como performances de gênero, raça e classe social são (re)pensadas e materializadas pelas/os comentaristas/es em comentários engajados.

Considerando o título do vídeo que serviu de escopo para a geração de dados, selecionei, por meio de capturas de tela (*print screen*), comentários que serão analisados em relação à contestação da subordinação das mulheres a um modelo familiar patriarcal e reprodutivo que influencia na forma em que a produção interseccional da vulnerabilidade baseada em gênero se materializa em casos de tráfico de mulheres. Além disso, analisarei como o ativismo digital possibilita a sororidade – que funciona como “[...] um pacto político de gênero entre mulheres que, reconhecendo-se como interlocutoras, são fiéis a si mesmas e às outras mulheres, sem hierarquia” (Fernandes, 2021, p. 3) - no compartilhamento de narrativas coletivas de mulheres incentivando e apoiando a construção de novas práticas discursivas.

A seguir, apresento um breve resumo do vídeo em destaque para contextualizar os comentários e possibilitar a minhas/meus leitoras (es) uma melhor compreensão a respeito dos comentários relacionados ao vídeo.

**Figura 1** - Print da capa do vídeo “Fui obrigada a fazer vida na turquia | Meu marido era meu cafetão”



Fonte: Youtube (2019) | Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7c-uyK5Nlio&t=917s>,

Ao relatar sua história numa videochamada, a vítima, sob o codinome Alice, conta como conheceu o “marido”, como foi sua mudança para a Turquia e como foi cooptada pelo trabalho sexual forçado. Embora emblemática, essa história é uma das muitas recebidas pelo canal da ativista da ONU, Danny Boggione, e serve como um alerta para as interações entre brasileiras e estrangeiros que, na situação de Alice, resultou em inúmeras violências, com ênfase na exploração sexual da vítima por parte de seu “marido cafetão”.

Segundo a vítima, sua primeira interação com o futuro “marido e cafetão” aconteceu via *Orkut*, lugar/espço onde recebeu uma mensagem de um turco na época que trabalhava em uma padaria — as conversas também aconteceram via *Messenger*. Conforme relata a vítima, o período de conversa entre ela e o “marido”/cafetão durou três meses, sendo que nenhum deles falava a língua materna do outro: ele não falava português e nem ela falava turco — o que nos leva a entender que as interações eram mediadas via Google Tradutor. Além disso, a vítima conta que nem sabia onde ficava a Turquia, o que nos revela seu desconhecimento sobre o país, sua cultura e suas leis.

Após três meses de conversas, que aconteceram nas redes sociais *Orkut* e *Messenger*, o turco viaja ao Brasil para conhecê-la e pedir sua mão em casamento à família, que aceitou. Alice relata que, na época, acreditava que o sonho da maioria das mulheres era casar e construir uma família, o que também era o seu desejo. Nesse cenário, e tendo em vista as estruturas patriarcais e reprodutivas da sociedade brasileira e turca, é perceptível que o aliciador falou para Alice o que ela queria ouvir: que eles iriam se casar e construir uma família.

Apesar de ter tido outras experiências com namorados brasileiros, a situação com o turco, para Alice, não se comparava aos outros relacionamentos, pois, em seu ponto de vista, nem todo homem queria construir uma família, principalmente no Brasil. Segundo ela, o turco era diferente, e acreditava que ele realmente queria construir uma família. Após o pedido de casamento, ele fica por um mês no Brasil e retorna sozinho à Turquia para trabalhar como garçom e, um mês depois, volta ao Brasil. Durante essas idas e vindas, o turco pede a Alice que pare de tomar anticoncepcional e, com a ajuda dela, consegue um emprego como garçom em um bar no Brasil — nessa época ele já se comunicava em português. Após ser demitida da padaria, Alice descobre que estava grávida de três meses — ela engravidou assim que parou de tomar anticoncepcional.

Devido à suposta falta de emprego no Brasil, o pai do turco pede para que ele volte à Turquia, seguido por Alice. A vítima relata que, antes de sua mudança para a Turquia, não

havia indícios de que o futuro marido a prostituiria, isso só veio a acontecer em solo turco. Ao chegar à Turquia, grávida de sete meses, Alice foi parada pela polícia — segundo Danny Boggione, essa parada pode ter acontecido por suspeitarem que ela fosse *mula* —, o noivo, que já esperava por isso, deixou uma carta em turco para ela mostrar aos policiais assim que entrasse no país, já que tinha ciência que Alice não falava o idioma local.

Após alguns meses na Turquia, Alice pare a criança sem estar oficialmente casada com o companheiro turco, o que a impediu de acessar o hospital público. Por estar em puerpério e desempregada, Alice passava todo o seu tempo em casa com os familiares do marido, e, sem conseguir se comunicar por não saber a língua, era maltratada e tinha sua presença gozada na ausência do marido. Quando a criança estava com quatro meses de nascida, o marido, alegando dificuldades financeiras e por não estar indo bem no emprego, sugere a Alice que se prostituísse, argumentando que ela ganharia muito dinheiro por ser negra e estrangeira. A justificativa para o aceite era a possibilidade de se mudarem para outra casa, um sonho de Alice devido à má convivência com os parentes e às dificuldades financeiras: “havia dias que não tinha leite suficiente para a criança tomar”.

Inicialmente, Alice recusa, mas relata que sempre que o marido chegava em casa a lembrava que era estrangeira e diferente deles, e que caso ela aceitasse ganhariam bem. Foram muitas as propostas, e vendo o que estava vivendo — passando por necessidades maiores que no Brasil — acabou aceitando, e o “marido cafetão” passou a organizar tudo: fotos, telefone, valor, horário e lugar. A brasileira só ia até o local combinado, fazia o programa (se prostituía) e entregava o dinheiro ao marido. Alice narra que após seu primeiro programa — neste momento a moça brasileira já estava casada com o turco —, ao voltar para casa, Alice vai direto ao mercado comprar leite, fralda e o que mais faltava em casa.

Com a entrada de dinheiro em casa, a família turca do marido passou a desconfiar, e o questionava para saber a origem daquela renda. A resposta dada pelo turco a família era a de que ele estava dando aula de português em um curso e precisava da esposa presente, já que era a língua materna dela.

Apesar da prostituição, e de seu marido a cafetinar, Alice continuava a manter relações sexuais com o marido, além de sofrer agressões constantes na frente da família, que o apoiava. E, quando ela expressava o desejo de parar de se prostituir, o marido e cafetão a obrigava a prosseguir, recorrendo a violência física, psicológica e a humilhações. Conforme a vítima relata, em uma dada ocasião a sogra turca denunciou o filho à polícia, relatando que o ouviu falar sobre a venda da própria filha, sua neta. Nessa ocasião, a polícia foi até a casa da

família e retirou a criança do ambiente em que estava, levando-a para um Orfanato Público — Alice acreditava que era uma creche, e mesmo com Danny Boggione dizendo-lhe que não se tratava de uma creche, Alice continuou a nomear o lugar de creche.

O relato da brasileira vítima de tráfico internacional de mulheres é extremamente forte e angustiante, sendo um testemunho pungente de sua jornada e sobre tudo o que lhe aconteceu, desde o período em que se prostituiu, forçada por seu marido, as agressões físicas, psicológicas e emocionais provocadas por ele, e a retirada da filha de sua casa para o orfanato do governo, onde a criança ficou por três anos. A história de Alice é comovente e impactante, sendo uma das mais intrigantes que assisti no canal. A falta de informação e a impotência dessa mulher que foi obrigada pelo marido a se prostituir e que teve a filha retirada de seus braços, mostra o quão desumana foi a sua vida durante esse período. Os comentários presentes no vídeo do relato deste caso nos permitem perceber a forma como as pessoas lidaram com o caso da brasileira traficada e explorada sexualmente na Turquia sendo cafetinada pelo próprio marido.

A partir desta síntese, e considerando o aporte teórico construído nos capítulos anteriores, desde os princípios gerais até as expectativas sobre os resultados, passo a realizar uma análise dedutiva dos repertórios de comentários do vídeo em análise com o objetivo de verificar se eles confirmam ou não as discussões e conclusões alcançadas até este ponto. Os três repertórios que serão discutidos a seguir surgiram a partir do comentário de Ana Clara — nome fictício —, que recebeu mais de 5.7 mil curtidas e 206 interações sobre sua narrativa.

Dito isso, a organização dos comentários respeitou, para cada um dos repertórios, as ordens indexicais, mantendo-se as marcas de escritas próprias de interações em ambientes digitais como o próprio *Youtube*. A identificação das comentadoras foi alterada, removendo-se as fotos e alterando os nomes das comentaristas. A seguir, iniciarei as análises a partir do primeiro comentário que deu início aos demais aqui selecionados.

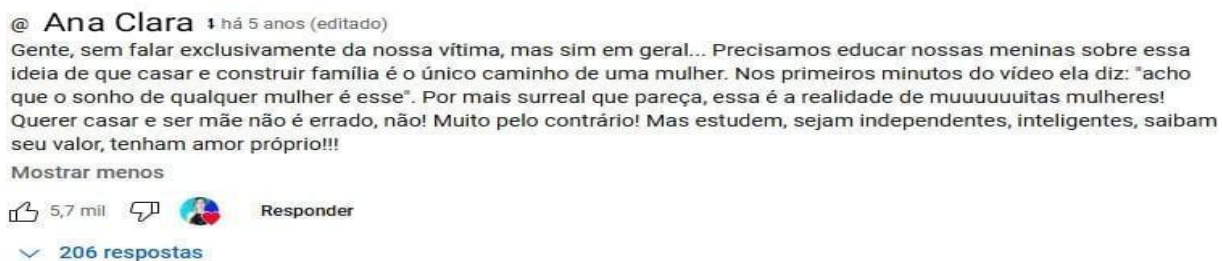
### 6.1 Repertório I: contestação da subordinação das mulheres a um modelo familiar patriarcal e reprodutivo

Esta subseção busca dedicar-se às estruturas sociais pautadas no modelo familiar patriarcal imposto às mulheres centrado na função reprodutiva e de subordinação da mulher mostrando como discursos que se alinham com esse modelo influenciam na prática de muitas mulheres em buscar a sua salvação em um casamento que segue o mesmo modelo familiar

que torna toda a vida da mulher um ciclo de subordinação sem fim. Para isso, trarei alguns comentários que corroboram com as teorias que aqui foram apresentadas.

### Figura 2 - Comentário 1: Ana Clara

Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”



Fonte: Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho

De certo modo, o comentário de Ana Clara, ao destacar o sonho de Alice de se casar e construir uma família, bem como sua percepção de que esse era o sonho de qualquer mulher, gerou grande repercussão, fazendo com que outras mulheres interagissem com sua narrativa. A comentarista, participante da “Turma do Gargarejo”, não apenas evidencia o caso em questão, mas também ressalta como o modelo familiar patriarcal reprodutivo está estruturado e continua sendo reproduzido por inúmeras mulheres. Esse modelo, além de excludente, impõe às mulheres uma forma específica de organização da vida, construção de afetos, relações pessoais e de modelo familiar padrão a ser seguido.

Nesse sentido, conforme nos aponta Biroli (2018, p. 91-92), “dados os privilégios materiais e simbólicos eventualmente associados aos arranjos familiares valorizados em dado contexto, o desejo de fazer parte de um arranjo que atenda a determinados padrões pode ser inalcançável”, compelindo aquelas que estão em posição desigual a se enquadrarem, a qualquer custo, na receita de completude. Diante disso, ao criar o ato de fala [...] *estudem, sejam independentes e inteligentes [...]*, Ana Clara indexa um repertório de discurso feminista que enfatiza a autonomia feminina e desvincula a mulher do modelo patriarcal.

Sendo assim, as ideias propagadas não foram criadas por ela, ou seja, não são originárias da comentarista, o discurso aponta para um repertório feminista que enfatiza a autonomia feminina, o seu empoderamento individual — por quê não dizer coletivo — e desvincula a mulher do modelo excludente patriarcal estabelecido na sociedade. Sendo um discurso que transita por diversos meios de comunicação e plataformas digitais feministas por décadas, e que se materializou no comentário em questão:

Muitas mulheres feministas ou militantes da causa feminina passam a se apropriar de discursos do movimento os ressignificando, de forma inconsciente, em discursos de valorização da mulher, da independência feminina, da busca pelo conhecimento e fortalecimento na vida profissional rompendo com as ideias patriarcais (Alvarez, 2014, p. 25).

Ana Clara performa a ideia de que a mulher se casar e ter filhos na atualidade parece surreal, demonstra espanto pelo fato de isso ainda ocorrer. Isso indexa que, em seu meio social, há uma mobilização de discursos feministas que incentivam mulheres ainda submetidas a um modelo patriarcal a desnaturalizar um discurso convencionalmente estabelecido. Nesse sentido, ao estimular a construção do amor próprio, a comentarista sugere a ruptura com as exigências de agradar terceiros e seguir normas patriarcais, encorajando a imposição e a priorização de si mesma como um ato de resistência àqueles que buscam determinar sua identidade e estilo de vida, segundo um modelo de patriarcal de identidade projetado para as mulheres.

### Figura 3 - Comentário 2: Paula

Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”

**Paula** y há 5 anos  
 Ana, infelizmente esta é a realidade. Eu trabalho atendendo mulheres. O que mais chega para mim é: "Eu não consigo ser feliz sozinha!" Tem dois anos que não namoro e não sei o que fazer!  
 O que percebo é que quem vem de uma família conservadora é cobrada o tempo inteiro. Se não casada é vista como fracassada. Mulheres julgam mulheres e ostentam maridos como troféus.  
 Muitas casam e têm filhos sem saber se é um desejo delas. Muitas ficam em relacionamentos abusivos com medo de ficar sozinhas ou por dependência financeira.  
 Se elas forem de família humilde, geralmente não têm referências para sonhar algo além de uma família e tem também que é mais fácil dois pagar o aluguel do que um.  
 Religião também é muito usada para deixar a mulher neste desespero para conseguir um casamento.  
 E é aquele caso, quem age com emoção não escolhe é escolhida. E acaba aceitando qualquer coisa.  
 O problema não é sonhar com o casamento. O problema é casar sem se conhecer o suficiente para saber se deseja isto. É ter isto como um projeto de vida a qualquer custo sem ter outros projetos para sentir que tem uma vida que vale a pena.

**Fonte:** Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho

Na Figura 3, no comentário elaborado por Paula, ela se articula através da prática discursiva com a comentarista da Figura 2, compartilhando a mesma visão política de mundo e comungando da mesma forma de interpretação através de repertórios feministas acerca das temáticas destacadas no relato da depoente. A atual comentarista, que trabalha atendendo mulheres, afirma que é muito comum chegarem casos de pacientes que expõem a versão de: *eu não consigo ser feliz sozinha!, tem dois anos que não namoro e não sei o que fazer!*.

Neste trecho, é possível perceber que ela indexa a percepção de que identifica, há muito tempo, discursos performados como um tipo de controle sobre as mulheres, muitas das

vezes, construídos pela própria família — esta como uma instituição de poder que dissemina regras a serem seguidas — “na regulação das relações, como o da domesticidade feminina, da maternidade e do amor romântico com a heteronormatividade, perspectivas para julgar vidas concretas que não correspondam a eles [...]” (Biroli, 2018, p. 92), a ponto de passarem por inúmeras violações humanas para serem aceitas e valorizadas socialmente, bem como dependentes de uma figura masculina para se sentirem completas.

A participante da “Turma do Gargarejo” mostra ter ciência das lutas feministas, quando diz que percebe que mulheres que compartilham de discursos como os mencionados são frutos de famílias conservadoras que constroem suas filhas pela prática do patriarcalismo. Segundo Biroli (2018), os constrangimentos vêm através de controles, privilégios e desigualdades que, através de normas sociais de gêneros naturalizadas nos grupos sociais em que essas mulheres construíram suas experiências -, performam no comentário de Paula.

Em *Mulheres que julgam mulheres e que ostentam maridos como troféus*, o discurso aponta para a dimensão de privilégios e, conseqüentemente, de produção de vulnerabilidade, visto que, ao estabilizar uma percepção de família idealizada — pai, mãe e filhos — e o discurso de que a mulher só irá se sentir completa ao construir uma família — dando início a uma caça ao casamento em que, como bem mencionada pela comentarista, o prêmio é o marido —, para a realização desse sonho, mulheres competem entre si e julgam aquelas que não conseguiram se adequar aos propósitos de família ou que não tem o mesmo sonho patriarcal.

Ao relatar que *Muitas casam e têm filhos sem saber se é um desejo delas. Muitas ficam em um relacionamento abusivo com medo de ficar sozinhas ou por dependência financeira*, Paula abre o precedente de que muitas mulheres não se consideram suficientes economicamente e que a única forma a qual se veem é dependendo financeiramente e emocionalmente de seus parceiros. Um outro repertório feminista destacado por Paula em seu comentário apresenta-se quando ela diz que a [...] *Religião também é muito usada para deixar a mulher neste [estado] de desespero para conseguir um casamento [...]*. As religiões, dia após dia, tornam-se uma grande propagadora e fortalecedora do patriarcado, sendo “[...] tratadas apenas como instrumentos dos mais eficazes para o controle das mulheres e a manutenção de sua subordinação social e religiosa” (Rosado, 2001, p. 86).

Em [...] *o problema é se casar sem se conhecer o suficiente pra saber se deseja isto. É ter isto como um projeto de vida a qualquer custo sem ter outros projetos para sentir que tem*

*uma vida que vale a pena*, a comentadora faz uma pequena síntese do que performou em seu comentário. Ela discorre que não é um problema se casar, o problema é casar-se por pressão social, é enquadrar-se em um modelo só para seguir o padrão e não sofrer julgamentos, é aceitar os normativos patriarcais e colocar-se abaixo do homem, como disse Bruna: *É aquele caso, quem age pela emoção não escolhe, é escolhida*. Nesse sentido, emerge-se no comentário de Paula, ordens de um discurso feminista que nos convida a performar sobre a autonomia corporal da mulher.

#### Figura 4 - Comentário 3: Aline

Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”

**Aline**

145 há 5 anos

Sou a favor do casamento, porém ela pecou por querer um príncipe encantado pela Internet. Segundo sem sequer conhecer o cara direito aceita se casar... Desculpa... A primeira a errar foi ela!



6



Responder

**Fonte:** Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho

No comentário da Figura 4, é possível perceber que, após a viralização do vídeo do canal, o relato da depoente associado aos demais comentários do vídeo, incluindo o da comentarista da Figura 2, passou a ser circulado por diferentes espaços socioculturais, o que performou na forma de interpretação da comentarista Aline. Devido à sua construção sociocultural, houve uma alteração no sentido primário do texto, produzido pelo comentário da Figura 2, que deu início aos outros comentários e repertórios.

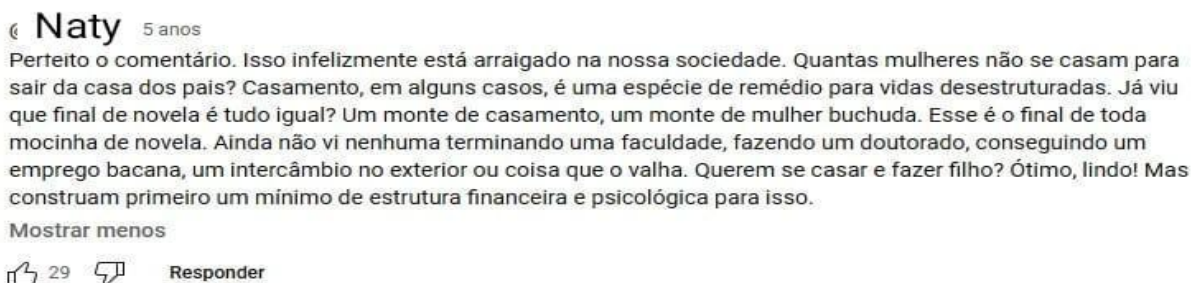
A comentarista que narra este comentário não consegue relacionar o comentário da Figura 2 com as temáticas relacionadas à interseccionalidade - gênero e classe social - como causa da produção interseccional da vulnerabilidade da categoria de vítima. Surgiu um novo significado para o texto primário, no qual a participante da “Turma do Gargarejo” não conseguiu relacionar o microssocial com as estruturas macrosociais. Pelo contrário, ela passou a reforçar a ideia patriarcal de família e a culpabilizar a vítima.

## 6.2 Repertório II: Produção interseccional da vulnerabilidade baseada em gênero

Nesta subseção, trarei comentários que mostram como a vulnerabilidade baseada em gênero é agravada quando interseccionamos raça e classe social, com o intuito de esclarecer que apenas as discussões sobre gênero não irão englobar a totalidade de mulheres que passam por muitas outras formas de exclusão.

### Figura 5 - Comentário 4: Naty

Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”



**Fonte:** Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho.

Naty, ao concordar com uma das comentaristas e acrescentar que *Isso infelizmente está arraigado na nossa sociedade*, mobiliza uma discussão que não se limita apenas ao papel da mulher em uma sociedade estruturalmente patriarcal, mas que também incorpora a discussão e reflexão crítica sobre como a vulnerabilidade social é um dos grandes pilares da violência contra a vida das mulheres, influenciando diretamente os processos de aliciamento de mulheres para o tráfico humano.

Seguindo essa ordem indexical, em um trecho posterior, Naty nos alerta: *Quantas mulheres não se casam para sair da casa dos pais?*, indexando os complexos contextos de casos e experiências de mulheres que sofrem inúmeros tipos de violências, intimidação, ameaças e abusos no ambiente familiar apenas por serem mulheres e estarem sujeitas aos homens da família, encontrando-se incapazes de tomar decisões relacionadas à sua própria vida, vivendo apenas para servir. Seguindo o padrão indexical empregado em sua performance discursiva, muitas mulheres que passaram por situações de subordinação de gênero só encontram saída em um outro tipo de caixa reguladora: um casamento estruturado sob o mesmo modelo de família tradicionalmente imposto pela sociedade:


Se o foco recair na exploração e na violência intrafamiliares, consideraremos, sobretudo, as restrições que os arranjos familiares correntes, sobretudo, as restrições que os arranjos familiares correntes podem impor aos indivíduos, especialmente às mulheres (Biroli, 2018, p. 91).

Nesse contexto, programas de entretenimento e demais expressões culturais passam a modelar [...] *a mocinha da novela* [...], construindo um perfil de vida a ser seguido por meio da instituição do casamento, que assim como qualquer instituição, emana poder e estabelece categorias de hierarquização, indexando novamente um reforço ao modelo patriarcal reprodutivo da mulher, incluindo a dependência financeira desta em relação ao homem.

*Ainda não vi nenhuma terminando uma faculdade, fazendo um doutorado, conseguindo um emprego bacana, um intercâmbio no exterior ou coisa que o valha.* Este discurso da comentarista performa sentidos e significados que funcionam como marcadores sociais, indexando ideias progressistas que enaltecem o empoderamento feminino e sua autossuficiência na construção do poder sobre uma sociedade machista, pois “em efeito, o poder, os conflitos, as lutas interpretativas, as disputas político-culturais também são elementos constitutivos do campo feminista [...]” (Alvarez, 2014, p. 19).

### Figura 6 - Comentário 5: Ana Clara



Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”

 **Ana Clara** há 5 anos

@jantei A questao levantada aqui não é sobre ter familia ou não. Isso é uma escolha individual, cada um sabe o que é melhor pra si. O que estamos debatendo é a necessidade, a obrigatoriedade, a pressão que as mulheres sofrem pra constituir uma familia, casar, ter filhos... Eu não vejo ninguém perguntar ao homem quando ele vai arrumar uma namorada. Assim que ele arruma, quando ele vai casar. Se casar, quando vai ter filhos... E mais filhos... Uma mulher tem toda a liberdade de sonhar com tudo isso, o que eu desejo a todas elas é que essa não seja a única opção na vida, ou a obrigação. Também sou a favor da família, amo a minha. Mas meus pais me educaram, permitiram que eu frequentasse boas escolas, e etc... Hoje eu sei que meu futuro pode ser o que eu quiser: se eu quiser casar, trabalhar, casar E trabalhar... Tenho opções!!! Essa moça infelizmente nao as teve, e é isso que estamos debatendo por aqui.

Sim, somos todos interdependentes, seja em relações pessoais, gerais, profissionais, eu dependo do outro. Mas quem é esse outro? Certamente, com relação a mim e a maioria das mulheres com quem conversei nesse post, não é alguém que vai me desrespeitar de uma forma tão grande como o marido da vítima do vídeo...

Mostrar menos

 15  Responder

**Fonte:** Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho.

Temos, no comentário da Figura 6, o retorno da comentarista que iniciou toda a interação dos comentários e a produção de repertórios feministas selecionados para esta análise – thread ou fio de comentários. A integrante do grupo de comentaristas enfatiza que a escolha entre aceitar ou não as normas estabelecidas por grupos sociais cabe a cada um(a),

pois esta é [...] *uma escolha individual, cada um sabe o que é melhor para si*. Diante disso, e considerando o conjunto de seu comentário, é possível inferir que o movimento realizado por Ana Clara nos indica que grande parte de sua construção de identidade foi cercada de Discursos Feministas que valorizam a autonomia feminina de corpo, a liberdade, a tomada de decisões e o respeito pelas escolhas de cada mulher.

Outra questão importante a ser destacada no comentário é o questionamento sobre os papéis de gênero estabelecidos institucionalmente, que enquadram as mulheres em uma posição que lhes foi imposta e preparada durante séculos, sem questionamentos: [...] *não vejo ninguém perguntar ao homem quando ele vai arrumar uma namorada. Assim que ele arruma, quando vai casar. Se casar, quando vai ter filhos*.

Ana Clara faz uma breve síntese sobre a realidade da vida feminina. Ela destaca a ideia de que toda a construção da identidade de uma mulher ocorre em preparação para a maternidade e que, por meio de uma nova vida feminina, o ciclo se reinicia. Ou seja, a trajetória da mulher já foi previamente determinada pela sociedade. No entanto, como a comentarista mencionou, uma das diferenças mais significativas é que essa mesma sociedade não estabelece um plano de vida para os homens.

Ratificando o que foi mencionado anteriormente, as identidades das comentaristas são construídas socialmente através dos discursos aos quais foram expostas: [...] *meus pais me educaram, permitiram que eu frequentasse boas escolas e etc. Hoje eu sei que o meu futuro pode ser o que eu quiser; se eu quiser casar, trabalhar, casar e trabalhar... Tenho opções!!!*. As ordens de indexicalidade confirmam o que interpretei no início: a formação social identitária da comentarista foi construída através das adequadas condições de vida que a permitiram uma boa formação escolar e, conseqüentemente, a exposição a discursos feministas.

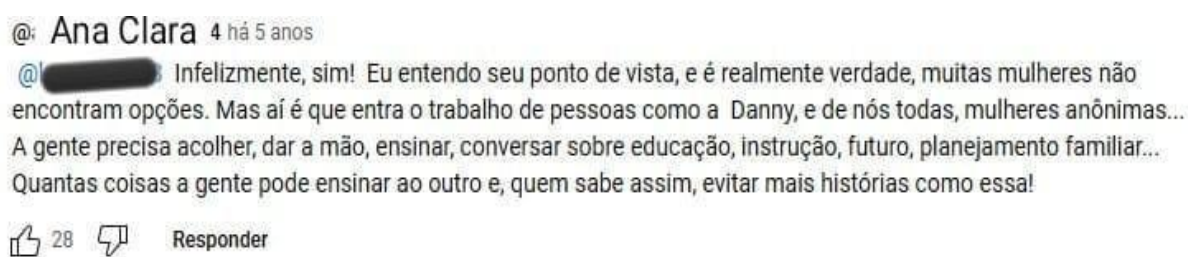
Em resumo, a causa que leva muitas mulheres a recorrerem ao canal "Sobrevivendo na Turquia" é a falta de formação crítica em relação à sociedade, o que afeta a interpretação de discursos, como, por exemplo, aqueles criados por criminosos que aliciam mulheres para o tráfico humano. Sendo assim, essa situação poderia ser evitada caso as vítimas não estivessem na lista de vulnerabilidade de gênero, pois como nos aponta Ana Clara, Alice [...] *infelizmente não as teve* [oportunidades de acesso a informação devido inúmeros fatores sociais e econômicos], *e é isso que estamos debatendo por aqui*.

### 6.3 Repertório III: Sororidade, compartilhamento de narrativas e ação coletiva de mulheres em situação de violência e exploração

Nesta subseção, trarei comentários de reflexões e compartilhamento de vivências das comentaristas mobilizando o enfrentamento às desigualdades de gênero e às inúmeras formas de violências sofridas pelas mulheres a fim de potencializar as histórias de superação.

#### Figura 7 - Comentário 6: Ana Clara

Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”



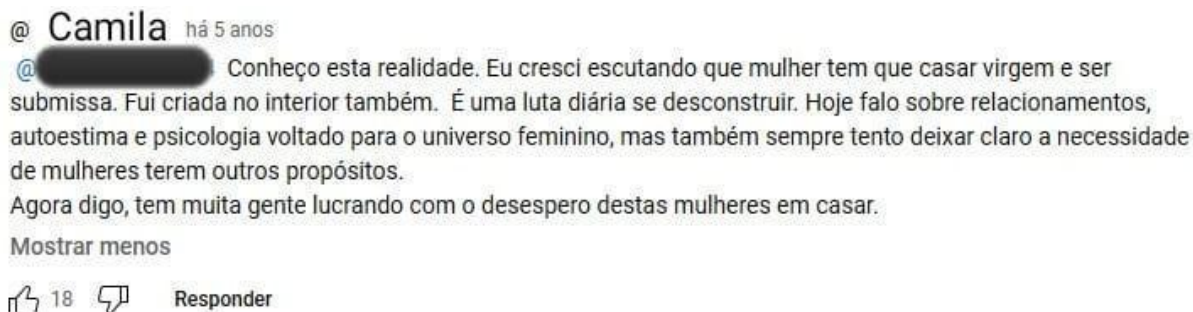
**Fonte:** Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho.

Na mesma tarefa crítica de discutir sobre o trabalho de muitas mulheres através do ativismo digital no combate à violência de gênero e ao tráfico de mulheres, a comentarista da Figura 7 reconhece e destaca: [...] *Mas aí é que entra o trabalho de pessoas como a Danny, e de nós todas, mulheres anônimas [...]*, indexando o apoio ao trabalho de ativistas digitais, como Danny Boggione do canal “Sobrevivendo na Turquia”, e aos comentários das mulheres da “Turma do Gargarejo”, no apoio e respeito às mulheres vítimas do patriarcalismo e das injustiças sociais. Diante disso, compreendemos que “os campos discursivos de ação são muito mais do que meros aglomerados de organizações voltadas para uma determinada problemática; eles abarcam uma vasta gama de atoras/es individuais e coletivos e de lugares sociais, culturais, e políticos” (Alvarez, 2014, p. 18), não ocorrendo de forma isolada, mas unindo contextos e campos discursivos diversos performando discursos e repertórios apontando para objetivos não únicos e sim gerais.

Ana Clara prossegue, e nos alerta que precisamos [...] *acolher, dar a mão, ensinar, conversar sobre a educação, instrução, futuro, planejamento familiar... Quantas coisas a gente pode ensinar ao outro e, quem sabe assim, evitar mais histórias como essas!*. O Discurso aqui materializado em formato de comentário aponta para discurso feminista sobre sororidade feminina e a concepção política concebida em mulheres em apoiar e se posicionar criticamente a favor das demais.

### Figura 8 - Comentário 7: Camila

Vídeo “Fui obrigada a fazer programa | Meu marido era meu cafetão”



**Fonte:** Youtube (2019) | Comentário extraído via print screen realizado pela autora deste trabalho.

Na troca interacional performada na Figura 8, Camila passa a compartilhar sua realidade através dos Discursos que ouviu durante toda a sua criação, seguindo os moldes patriarcais relacionado aos papéis de gênero na sociedade: *Eu cresci escutando que a mulher tem que casar virgem e ser submissa*. Tal prática discursiva, caracterizada pelo compartilhamento de históricas próprias, possibilita a troca de interações, enfatizando a união entre mulheres que partilham das mesmas dores, gerando indexicalmente uma forma política de união e resistência entre mulheres associadas às perspectivas feministas, através da sororidade e do apoio mútuo entre mulheres.

Nesse contexto de união e apoio mútuo, a sororidade emerge como um elemento central. Segundo Leal (2020, p. 141), “[...] a sororidade é associada ao movimento feminista, combinando um vocabulário de teor político e emocional, com menções a sentimentos como “amizade”, “afeição” e “afeto” [...]”. Essa construção social possibilita uma transformação profunda entre mulheres, não sendo um fenômeno biológico ou orgânico, mas sim uma escolha ética e crítica que desafia a sociedade e seus discursos, que perpetuam a rivalidade e a desestabilização política entre as mulheres. Ou seja, os repertórios feministas que apontam essa ordem indexical performam a valorização do apoio entre mulheres não como um sentimento que emerge do “ser mulher” e sim como uma escolha crítica e política da valorização pela igualdade de gênero e contra as injustiças sociais.

Visto isso, chegamos à conclusão de que a visão atribuída aos papéis de gênero é aprendida culturalmente. Logo, quando a comentarista relata [...] *é uma luta diária se desconstruir [...]*, ela cria a pista de que mulheres aprendem a ser submissas e a não olhar para outros horizontes, que romper com essas concepções de papéis é alterar o social manipulado.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordei neste trabalho, o tráfico internacional de mulheres reflete as desigualdades sociais e de gênero, estruturadas socialmente por meio de crenças e valores estabelecidos por instituições de poder que buscam enquadrar as mulheres em normas impostas pela sociedade. Isso posto, pude perceber, através da observação de comentários e da etnografia digital, como as interações entre os comentários se desenvolveram à medida que foram repostados por mulheres que tinham o intuito de refletir sobre o relato da vítima em questão. Dentre essas mulheres, algumas compartilhavam os mesmos posicionamentos políticos e sociais, enquanto outras discordavam. Essa quebra na ordem indexa que aquelas mulheres se afastavam devido à forma de identificar e interpretar determinadas categorias. Essas interpretações distintas ocorrem a depender dos discursos nos quais elas, mulheres, estão envolvidas.

Nesse cenário, temos um grande diferencial nas pesquisas realizadas com abordagens qualitativas: o fato dos dados serem o que direciona o rumo da pesquisa. Dessa forma, por meio da seleção de comentários feita na seção cinco, os dados apontaram para três categorias de repertórios feministas: i) contestação da subordinação das mulheres a um modelo familiar patriarcal e reprodutivo; ii) produção interseccional da vulnerabilidade baseada em gênero e iii) sororidade, compartilhamento de narrativas e ação coletiva de mulheres em situação de violência e exploração. E, a partir dessas três categorias, utilizei os processos de indexicalidade para indicar a que tipo de repertório feminista as escolhas linguísticas faziam referência.

Dito isso, no que concerne ao repertório (i), as comentaristas destacam a importância e a necessidade de desconstruir o modelo patriarcal reprodutor imposto às mulheres, que lhes diminui a capacidade de escolher algo diferente do casamento. Já no que se refere ao repertório (ii), as comentaristas discutem sobre a autonomia que as mulheres precisam ter, a ideia de buscarem ser autossuficientes e de não enxergarem o homem como a solução para seus problemas financeiros e emocionais. Por fim, no que diz respeito ao repertório (iii), acerca da sororidade feminina as comentaristas enfatizaram a importância desse posicionamento, ou seja, de uma irmandade política que deve ser incentivada na luta pelos direitos das mulheres, e ressaltam a relevância do ativismo digital para o compartilhamento de informações, esclarecimento de dúvidas, troca de histórias e apoio mútuo.

De modo geral, a base teórica e o instrumental analítico empregados neste trabalho podem ser semelhantes aos utilizados em diversas pesquisas sobre o tráfico internacional de mulheres sob a ótica de outros campos de estudos. No entanto, tendo em vista a necessidade de representar Discursos materializados em textos/comentários e de interpretar as escolhas linguísticas que performam as percepções das mulheres sobre essa temática, são os estudos que se inserem no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006) associados à perspectiva socioantropológica do Discurso de base pragmática e semiótica, que é influenciada pelo pensamento de Michel Foucault (2012), observando a linguagem em uso, que pode fornecer as ferramentas necessárias para uma análise aprofundada e crítica dos dados, permitindo a construção de um conhecimento mais completo e contextualizado sobre o fenômeno do tráfico internacional de mulheres e suas implicações sociais e políticas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Pamella Opsfelder de. As ordens de indexicalidade mobilizadas em discussões sobre aborto na internet. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 31, p. 402-426, 2020. DOI: 10.34019/1981-2140.2020.30785. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30785>. Acesso em: 4 set. 2024.
- ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos pagu**, [S. l.], n. 43, p. 13-56, 22 jul. 2014. jan-jun. [doi.org/10.1590/0104-8333201400430013](https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430013). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9Y7dMKrDrFSGDyCJLW45Gpw/?lang=pt> Acesso em: 13 jun. 2024.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAUMANN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha, Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 185-229, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18230>. Acesso em: 21 jul. 2024.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BONFIM, Marco Antonio; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Trajetórias textuais, indexicalidade e recontextualizações de resistência no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 27-44, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/5789>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- BRASIL. **Decreto nº 5.017, de 12 de março de 2004**. Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. Brasília: Casa Civil, 2004. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm). Acesso em 20 dez. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 13.344, de 6 de outubro de 2016**. Dispõe sobre prevenção e repressão ao tráfico interno e internacional de pessoas e sobre medidas de atenção às vítimas [...]. Brasília: Secretaria-Geral, 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13344.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13344.htm). Acesso em: 24 jan. 2025.
- BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (org.). Tráfico de pessoas. **Ministério das Relações Exteriores**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-chicago/assistencia-a-brasileiros/trafico-de-pessoas-1>.2024. Acesso em: 13 jul. 2024.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity and interaction: A sociocultural linguistic approach. **Discourse studies**, [S. l.], v. 7, p. 585-614, 2005. Disponível em: [https://escholarship.org/content/qt5tk670n8/qt5tk670n8\\_noSplash\\_d82639daf10e060a5b97b423a7e9d5c5.pdf](https://escholarship.org/content/qt5tk670n8/qt5tk670n8_noSplash_d82639daf10e060a5b97b423a7e9d5c5.pdf). Acesso em 23 set. 2024.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Ilma Pereira. **Tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual**. 2008. Monografia (Bacharelado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CIBORGA, Coletiva. **Etnografia digital: um guia para iniciantes nos ambientes da linguagem em ambientes digitais**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/b4a9b168-f9b1-4cb1-b58a-865d144a4c12/content>. Acesso em 08 ago. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188. 2002. jan-jun. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2737>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CUNHA, Guilherme de Moura. Recepção do conceito de indexicalidade em estudos linguísticos brasileiros. **Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 21-40, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/785>. Acesso em: 26 jun. 2024.

DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social, pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 199-228, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637329>. Acesso em: 21 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FUI OBRIGADA a fazer vida na Turquia | Meu marido era meu café. [S. l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (48 minutos e 18 segundos). Publicado pelo canal **Sobrevivendo na Turquia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7c-uyK5Nlio>. Acesso em 10 set. 2024.

GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Embates entre Performances Corpóreo-Discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2014.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances

identitárias e etnografia. **Alfa: Revista de Linguística**. São José do Rio Preto, v. 61, p. 11-33, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/BRSkfyf5LWtcsHh8dnstv7s/>. Acesso em: 7 ago. 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEAL, Tatiane. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 139–164, 2020. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27601](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27601). Acesso em: 12 ago. 2025.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. Tradução: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MENEZES, Vitor Matheus Oliveira de. Família e posição de classe: a socialização familiar pela privação e a socialização familiar protetiva. **Texto para Discussão**, (ipea), Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8350>. Acesso em: 24 jan. 2025.

MENEZES, Vitor Matheus Oliveira de. Trajetórias sociais em estratos médios: família, escolaridade e trabalho. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, RJ, v. 12, p. 1-23. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/8GW6BKMdnnDYc65DnrsjmMM/>. Acesso em 13 jul. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, SP, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da, et al (Organizador). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13-44.

MORAES, Renata Gerlack Delojo. **Trabalho com redução à condição análoga à de escravos e ofensa à dignidade da pessoa humana: tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial, no Brasil (2002-2008)**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara, 2008.

MULHERES são 96,36% das vítimas de tráfico internacional de pessoas, aponta pesquisa realizada por OIM, CNJ e UFMG. 2022. **Organização Internacional para as Migrações (OIM - Brasil)**, Brasília, 7 dez. 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/mulheres-sao-9636-das-vitimas-de-trafico-internacional-de-pessoas-aponta-pesquisa-realizada-por-oim-cnj-e-ufmg>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MUNIZ, Kassandra. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística “crítica”: performatividade, política e identificação racial no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, Ouro Preto, v. 32, n. 3, p. 767-786, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/32238>. Acesso em: 13 set. 2024.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. **Rev. Psicologia & Sociedade**, Braga, PT, v. 13, p. 107-128, 2001. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4117>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 47, p. 132–162, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8647258>. Acesso em: 8 ago. 2024.

PISCITELLI, Adriana. Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 29–63, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644871>. Acesso em: 8 ago. 2024.

PISCITELLI, Adriana; LOWENKRON, Laura. Categorias em movimento: a gestão de vítimas do tráfico de pessoas na Espanha e no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, SP, v. 67, n. 2, p. 35-39, 2015. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252015000200012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000200012). Acesso em: 15 ago. 2024.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Sul-Sul - Revista De Ciências Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 03, p. 57-76, 2021. DOI: 10.53282/sulsul.v1i03.780. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780>. Acesso em: 15 jun. 2024..

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos pagu**, São Paulo, SP, p. 79-96, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YnYKS3QPKG5YhdjXbzWnhdw/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa; GOMES, Conceição; DUARTE, Madalena; BAGANHA, Maria Ioannis. **Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), 2008.

SILVA, Daniel do Nascimento e. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/xymmQZdzN3Jk3mjbHM4zTRf/?lang=pt>. Acesso em 21 ago. 2024.

SILVA, Daniel do Nascimento e; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo, Cortez Editora, 2014. p. 215-236.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, Minas Gerais, v. 20, n. 3, p. 407-442, 2020. <https://doi.org/10.1590/1984-6398202014801>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/HzBrWxCrhDRHH6dHk5dyFyQ/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, Chicago, v. 23, p. 193-229, 2003. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~eckert/Courses/ParisPapers/Silverstein2003.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SOARES, Josemar Sidinei; SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de. Sociedade de consumo e o consumismo: implicações existenciais na dimensão da sustentabilidade. **Direito e desenvolvimento**, João Pessoa (PB), v. 9, n. 2, p. 303-318, ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/815>. Acesso em: 24 nov. 2024.

TORRES, Eli Narciso da Silva. Educação: a natureza do capital que transforma tudo em mercadoria. **Verinotio: Revista On-line de Educação e Ciências Humanas**, Minas Gerais, v. 6, n. 11, p. 45-52, 2010. Disponível em: <https://www.verinotio.org/revistas.php?revista=11>. Acesso em: 24 jan. 2025.

TRÁFICO de Pessoas. **Conselho Nacional do Ministério Público**, Brasília, 2015. Disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/portal/institucional/conatetrap/trafico-de-pessoas>. Acesso em: 21 mai. 2025.

VARIS, Piia. HOU, Mingyi. Digital approaches in Linguistic Ethnography. In: TUSTING, Karin (ed.). **The Routledge Handbook of Linguistic Ethnography**. New York: Routledge, 2020. p. 229-240

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Uma vindicação dos direitos da mulher: contendo críticas de temas políticos e morais**. Tradução: Joana Márkus Neves. Porto, Portugal: Penguin Clássicos, 2023. p. 1-26.

WORTHAM, Stanton. Socialization beyond the speech event. **Journal of Linguistic Anthropology**. Pennsylvania: EUA, v. 15, p. 95-112, 2005. Disponível em: [https://repository.upenn.edu/gse\\_pubs/48/](https://repository.upenn.edu/gse_pubs/48/). Acesso em: 10 fev. 2025.

ZELIZER, Viviana A. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, p. 135–157, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vxhJpXpdCxhYZYKGn8yRnLS/?lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2025.